



# Tenda da lua

Ano 4 . n 04 . Jornal Tenda da Lua . Out 2011

## Mulher em Tempo de Pausa

Marisa Sanabria  
Psicóloga c.r.p.04-5350; Mestre Filosofia  
U.F.M.G.

**D**eter o tempo é uma tarefa impossível. Essa tentativa nos ocupa energia, disposição e nos faz estrangeiros de nossa vida, nos interdita o protagonismo da própria história e nos transforma em pessoas que olham o transcurso dos acontecimentos sem entender e sem querer saber como as mudanças nos exilam do nosso território.

Aceitar não quer dizer renunciar ou se resignar, não se trata de viver circunstâncias da vida como situações sem saída onde somente nos resta como recurso aguentar. Aceitar tem a ver com integrar o critério de realidade, exercitar um entendimento em perspectiva das coisas e entender a situação que estamos atravessando.

**“Sem desprendimentos  
não há novos apoderamentos”**

Este gesto nos impulsiona a criar estratégias, elaborar novos comportamentos, ter uma dimensão do presente e perspectivas de futuro, neste sentido a diferença com a resignação é muito clara porque esta última é uma atitude que não vislumbra o futuro.

Quando aceitamos uma circunstância reconhecemos que as condições mudaram e que aquilo que sustentou algumas condutas durante muitos anos da nossa vida não têm mais valor, esta constatação nos leva a ter atitudes muito diferentes dos que nos caracterizavam até agora.

Acompanhar as mudanças que vamos aceitando nos permite uma disposição para as novidades e para desafios que nunca vivemos.

Trata-se de ter lucidez de consciência para entender que estamos vivendo um trânsito de um lugar familiar já conhecido para um futuro que precisa ser compreendido e decifrado a partir do nosso propósito.

Acompanhar também nos traz a perspectiva do desapego de algumas crenças, comportamentos e mitos pessoais que já não têm mais sentido na nossa história.

Aceitar que as coisas não são como eram antigamente e viver essas transformações nos possibilita uma terceira atitude: a de assumir novos protagonismos, diferentes posições, e outros desempenhos.

Em qualquer ciclo da vida devemos desprendermos de aspectos antigos para dar lugar aos novos, é preciso desapegarmos da adolescente imatura para ser mães equilibradas, assim como é necessário abandonar o protagonismo da mãe dedicada e protetora para deixar os filhos crescerem e assumir nossa história.

“Sin desprendimientos no hay nuevos apoderamientos” e da mesma forma que aceitação e resignação são atitudes diferentes é preciso entender que desapegar não é a mesma coisa que perder.

Quando sentimos que estamos perdendo, queremos nos apegar e reter tudo o que já passou.

Perda é aquilo que passou pela nossa vida e não percebemos, não tivemos condições afetivas ou entendimento consciente para poder viver com plenitude, quando entendemos o desapego como uma perda criamos um grande obstáculo para poder viver o presente.

O desapego é uma liberdade em relação ao passado para poder nos apropriar do momento que estamos vivendo, não se trata de negar ou desconhecer essas vivências senão de incluí-las na nossa história com o entendimento claro de que outros momentos estão chegando.

Esta atitude nos possibilita fazer cortes com hábitos que perderam o sentido, re-dimensionar protagonismo e legitimar novos projetos.

Na nossa cultura, as mulheres aceitam como verdadeiras opiniões, modelos e padrões que

estão fora delas e se legitimam a partir da autorização dos demais, isto as colocam em uma situação de fragilidade e dependência de diversa ordem: afetiva, institucional etc.

Parece que aquilo que elas precisam para exercer na vida nunca esta com elas e se encontra fora do seu ser interno, no parceiro, nos filhos, no trabalho etc. Este gesto estimula hábitos de dependência e falta de confiança nas próprias escolhas e dificuldade para determinar objetivos.

Ter uma atitude aberta e flexível para as mudanças, os desafios e os enigmas que a vida nos propõe forma parte do repertório da mulher adulta e livre a procura da construção da sua história.

## Sugestão de Leitura



### O País das Mulheres

O mais recente romance da premiada escritora nicaragüense **Gioconda Belli**, agraciado com o premio Hispano-americano “La outra orilla”, o romance acontece em um fictício país de Centro America onde o Partido da esquerda, comandado somente por mulheres, ganha as eleições e governa o país. Em uma linguagem dinâmica que fisga o leitor se sucedem momentos perturbadores e hilários costurados com temas de reflexão sobre o cotidiano das mulheres, a violência a corrupção e a patriarcalidade do mundo público. “ todos os funcionários homens para casa, lavar, passar e trocar fraldas” “As mulheres a trabalhar na segurança pública, a construir o país e fazer as leis”. Esta inversão de uma ordem estabelecida rende a Gioconda Belli grandes momentos no seu romance. Um livro para ler, presentear e indicar.

## A arte de cada um

Por João Celso

Médico Ginecologista e Homeopata

Ontem, quando atendia a uma cliente de— muito tempo e muitas conversas, ela dizendo que não sabia o que estava faltando em sua vida, me veio a palavra arte.

Foi assim surpreendente para mim, porque não era o que o assunto aparentemente sugeria, já que a fala girava em torno do fazer alguma coisa pelo outro. Pois surpreendi-me, e ela também.

Ficou assim daquele jeito quando a coisa bate: parou de falar, olhou com aquele olhar em que parece que um véu se descerrou, um olhar de desvelo. Desvelo por si. E simplesmente falou, é isto aí, lembro em minha infância do gosto por escrever, do gosto em fazer alguns pontos de bordado, coisas que me são caras, mas que tive que deixar de lado para cuidar da vida, para fazer tudo certinho, do jeito que manda o figurino, já que falamos de costura.

E a partir daí a história do fazer pelo outro se desvelou de vez. Porque quer melhor que fazer pelo outro do que fazer algo que pode sensibilizá-lo? Quer melhor que fazer pelo outro algo que vai estimular sua emoção e sua criatividade?

Melhor, muito melhor que dar o peixe é ensinar a pescar. Mas melhor, muito melhor que ensinar a pescar é ir com o outro lá na moita de bambu, pedir licença e colher um que dê uma boa vara, e ir pescar. O outro se quiser já aprendeu sem ninguém ter que ensinar nada.

Porque muito melhor que ensinar é estimular.

E ontem aprendi o que já muita gente deve saber, aprendi que arte é estímulo, para si e para o outro. E que arte é um dom inato em cada um de nós. Como aprendi ontem, não sei se estou sendo apressado em afirmar isto. Como não sei, conto com vocês que estão me lendo pra gente trocar idéias, e sigo com as que me surgem agora. Porque não resisti a escrever este texto, tamanha a força que a idéia me suscitou. Ia andar de bicicleta, não fui e voltei pra casa para isso.

Vejo como a arte está presente em todas as civilizações, desde as mais primárias, e desde que o homem deu seus primeiros passos sobre dois pés. Vejo como qualquer

uma delas, extintas ou não, deixou sua marca sobre o planeta. Vejo aí os grafiteiros como herdeiros desta arte, como artistas que não aprenderam que o são, ou sabem e entendem que assim é sua arte, mas estão meio deslocados nesta nossa sociedade.

Todos os governos, bem ou mal, têm o seu ministério, ou departamento ou setor de cultura. Por que, se este negócio não rende nem tanto voto, nem tanta grana?

Só posso entender porque é um fundamento do humano, a manifestação artística. Se virou até obrigação de governo, mesmo que ele não queira investir, significa que é essencial.

E aí faço a ligação. Há muito tempo venho falando, escrevendo e trabalhando com o conceito de que o prazer é a essência do humano. E prazer em geral nos lembra o prazer com o outro, nos lembra prazer sexual. É meio difícil ainda imaginar o prazer individual, ele é mais pecaminoso que com o outro. E arte me lembra o puro prazer, o prazer de criar, de fazer, o prazer de admirar, de curtir. A arte é um prazer que pode ser solitário no se fazer e comunitário no se vivenciar. A arte não demanda obrigatoriamente a presença do outro, e nem a obrigação do outro gostar. Sempre vai haver quem goste, ou quem não goste. A arte é gratuita no se criar e no se admirar. Arte é com graça.

E todo prazer tem arte. É só pensar na arte do sexual, na arte do alimento, na arte do beber, na arte do vestir, na arte que pode ser o trabalhar.

Arte não é apenas criar um objeto artístico, arte é ser artístico no viver. Arte é criar, e criar com o coração. E criar com o coração é criar com prazer.

E quando estou pensando assim, nesta avalanche que me está vindo, vejo como as coisas podem ser mais fáceis.

Quando digo que a gente adoece porque não está se permitindo o prazer, que é o fazer o que a alma e o coração pedem, fica mais simples dizer que a gente adoece porque não está liberando a arte inata de cada um.

E nossa cultura é pródiga em dizer que dom para alguma coisa só alguns têm. E quem tem o tal dom já é de antemão tachado de diferente, esquisito, e outros preconceitos mais ou menos cruéis e excludentes. Talvez porque ameace o senso comum, a organização social. É só ver a fábula da formiga e da cigarra. A arte não alimenta, não enche barriga. Então o senso que nos tem dominado (... maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida, tá lá no Gênesis) nos remete ao trabalho árduo, ao ganhar o pão com suor e lágrimas (o que aliás a gente vê e libera muito em qualquer concerto de rock, por exemplo), com sofrimento, enfim. A arte fica para uns “porras-loucas” que só serão reconhecidos no futuro, quando já serão passado, e morrerão de fome no presente. Presente, é o que a arte é em cada um de nós. Presente para nós e para o outro.

Aí sim, se a pessoa gosta de ajudar o outro fazendo caridade, vá ver se é com arte. Se for, pode saber que está no caminho certo. Mas se for para fazer para o outro cantando, dançando ou compondo, e pelas imposições sociais está fazendo assistência social, vai adoecer.

Foi isto que aprendi. E quando olho para mim, e para tantas pessoas que já passaram por mim, na vida e no consultório, com suas alegrias e sofrimentos, vejo claramente isto. A saída da dor foi sempre o encontro com sua arte.

E a arte inata não precisa de galerias, livrarias ou teatros para se expor.

Ela se expõe nas feições e nos atos de cada um em seu dia a dia.

Clínica do Feminino



www.clinicadofeminino.com.br  
contato@clinicadofeminino.com  
(31) 3264-0678 / (31) 9952-6197

A Confraria  
da Agulha



Grupo reflexivo terapêutico

Tecendo e contando histórias com música ambiente e um chazinho para aquecer as conversas. Um encontro terapêutico, entre mulheres, no final da tarde.

Marisa Sanabria  
(31) 9952-6197; 3264-0678

## Mexendo no vespeiro

Simone Francisca de Oliveira.  
*Mestrado em Psicologia /UFMG*

Quando uma mulher decide publicizar uma situação de violência doméstica, não é incomum, um primeiro momento de descrença, desvalorização ou deslegitimação da sua fala, seja por parte de seus familiares, amigos/as e/ou agentes das instituições públicas de enfrentamento à violência.

Geralmente, a mulher é reforçada em seu processo de enfrentamento ao ciclo de violência, desde que não subverta as normas de heteronormatividade, maternidade, fidelidade e romantismo. Parece que a regra é assim: muda, mas sem mudar muito, subverte, mas não tudo.

Atenta a esta situação escolhi adotar a teoria e prática do Grupo Operativo criada por *Enrique Pichon-Rivière* por entender que o enfrentamento a violência de gênero como uma tarefa a ser realizada em grupo potencializaria os processos de mudança através das negociações e trocas comunicacionais. Desta forma, em 10 de março de 2008, teve início a experiência do **Grupo Operativo "Mexendo no vespeiro"** realizado no Centro de Referência de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência de Contagem/MG- "**Espaço Bem-Me-Quero**".

O enquadre do **Grupo é aberto e de livre participação**, ou seja, sem obrigatoriedade de presença ou com número de sessões pré-determinado. Esta forma de organização foi adotada por privilegiarmos a escolha e desejo da mulher em se filiar à proposta e também pelas especificidades da dinâmica própria do enfrentamento à violência, reconhecidamente cíclica. **Este Grupo se encontra semanalmente**, por um período de uma hora e meia a duas horas, com uma média de 06 mulheres em cada sessão.

O nome do Grupo foi apresentado por uma das participantes do Grupo como uma representação do momento em que, apesar de tudo e de todos/as, a mulher resolve sair de uma relação violenta. É uma representação que demonstra os perigos e dificuldades que podem ser encontrados e, ao mesmo tempo, se refere à coragem das mulheres de enfrentar os desafios.

**Saiba Mais:** "Mexendo no vespeiro": legitimação dos ciclos de violência de gênero através do grupo operativo." 2010. 219f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - UFMG - Minas Gerais. OLIVEIRA, 2010.



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## Guardiãs de Círculo das Mulheres

Um modelo feminino de  
liderança

INCISA/IMAM  
e Instituto Renascer da  
Consciência

MAIS INFORMAÇÕES:  
(31) 3296-3864

## Perdida em suas nuances?

Janete Helena R. Sousa  
*Funcionária Pública*

A semana começou modorrenta e ela nem sabia por que motivo tudo parecia tão errado, torto e cinza. O chuveiro parecia menos quente, a calça do terninho que sempre usava parecia mais justa e o computador do trabalho resolveu aderir à tortura fazendo greve assim como o computador de casa já estava há tempos. A supervisora da repartição parecia não entender que sua produção era diretamente proporcional à qualidade da conexão com a internet.

Na terapia, o psicólogo lançou a hipótese de transtorno bipolar e ela, depois de pesquisar na internet (claro!), teve que concordar com seus sintomas. Muito a contragosto, comentou com os amigos que tinha variações de humor, mais pra ser compreendida do que pra prepará-los para seus rompantes de tristeza e raiva.

Tomou pra si a hipótese diagnóstica e passou a semana inteira justificando suas ações com a frase "Ser bipolar é um transtorno". Sentiu-se bipolar, agiu como bipolar e quis que o mundo todo se dobrasse a essa bipolaridade.

Para piorar o quadro, justo nessa semana o namorado que sempre a tratou com o maior carinho estava ocupado demais e mal teve tempo de ligar. Ele pareceu mais distante e ela começou a pensar que o relacionamento estava entrando na UTI.

Na sexta, depois de matar a saudade do namorado e ainda ansiosa, dormiu

só com a dose dobrada do seu tarja preta. Apagou, certa de que o dia seguinte seria um daqueles e precisava, pelo menos, estar descansada pra suportar a provação de viver naquela pressão enorme, naquela tristeza profunda e naquela ansiedade pelo que provavelmente iria acontecer.

Acordou exausta, apesar de ter dormido muito e ficou remoendo seu estado psiquiátrico sem levar em conta as orientações do terapeuta que sempre dizia pra não ficar cultivando sentimentos menores. Tentou relaxar, ligou para o namorado convidando-o para ver um filme. Ele não podia e ela "surtou" por alguns minutos. Como assim ele não podia? Quem ele pensava que era pra não estar perto dela no dia mais difícil de sua vida?

Levantou-se da cama de um pulo só, tomou um banho rápido, vestiu a melhor roupa que tinha no armário e esmerou-se na maquiagem. Já ia saindo rumo à casa do digníssimo disposta a terminar tudo quando se lembrou do absorvente, este parceiro feminino que provou mais uma vez ser seu salvador de muitas horas.

Menstruada ela não estava, mas teve o "clique" e só se perguntou "há quanto tempo não menstruava mesmo?" Conferiu no calendário e percebeu que devia menstruar no dia seguinte.

Pausa para se destocar, desmontar o figurino de término de relacionamento (que geralmente diz "olha o que você está perdendo"), se enfiar debaixo do cobertor e ficar remoendo a própria vulnerabilidade. Que transtorno bipolar? Que namorado distante? Que chefe mal amada? Que nada! TPM, pura e simples!

Melhor mesmo era esperar passar antes de tomar qualquer decisão.

VIVÊNCIAS

## “Eu - Ponte”

Leonardo Ferreira  
*Cientista Social*

Estudos antropológicos e arqueológicos mostram evidências claras de que a religião e os rituais de passagem eram práticas comuns e corriqueiras entre civilizações, mesmo naquelas mais isoladas.

Sobre os rituais de passagem, não se pode negar sua importância social para uma coletividade. Da mesma forma que as religiões, estes rituais são indispensáveis para a manutenção coletiva através da vivência individual.

Vamos pensar sobre a nossa sociedade, o nosso grupo civilizatório: Brasil no ano de 2011. País ocidental, cristão, a menos de 200 anos uma nação independente, de proporções continentais e, sobretudo, um país culturalmente miscigenado. Seria possível pontuar quais são os principais rituais de passagem vivenciados pelos brasileiros

contemporâneos? Eu poderia citar: batismo, festa de 15 anos, casamento, Natal... Talvez vestibular, entrada no mercado de trabalho... Gravidez.

Normalmente o ritual de passagem serve para que o indivíduo passe de um estágio de vida para outro, como, por exemplo, tornar-se adulto. Em algumas tribos indígenas ou africanas esses rituais estão relacionados à demonstração de força e, nesse caso, o sofrimento não é apenas inerente aos rituais, mas uma condição para a passagem.

Em nossa sociedade, parece que a dor foi exilada. Vivemos como se a dor e o sofrimento não fizessem parte da vida. Repugnamos a dor e quando ela surge, queremos e lutamos para que ela vá embora o mais rápido possível. Mas é inegável que a dor transforma.

Podemos dizer que os rituais de passagem, em nossa sociedade, estão diretamente relacionados com tropeços, com acidentes de percurso, com a responsabilidade pelas consequências das escolhas e com a retificação de erros. Nem sempre vividos de forma

digna, pois, desconsiderados como parte da vida, se tornam indesejáveis. Refletindo sobre alguns ritos de passagem podemos discorrer também sobre, a gravidez, que, infelizmente, meu gênero impede a experiência objetiva. No entanto, um rito que está para além de um padrão cultural. É uma condição da mulher, independente de cultura. E ainda que nem todas as mulheres, de todas as civilizações, do passado e do presente, estejam pré-dispostas a serem mães, a gravidez é um ritual de passagem porque além de transformar, essa experiência tem um significado mágico que é vivido de maneiras diversas, que varia de sociedade para sociedade e de tempo para tempo e de mulher para mulher. E eu desejo que nossos rituais de passagem sejam nosso despertar de cada dia. Que o recomeço não esteja relacionado a algo externo e maior. É suficiente que seja nosso, mesmo que pequeno. É como a religião: simbolismos que nos ligam como pontes, ao que é superior. Que sejamos nós as nossas pontes.

Anayansi Correa Brenes  
*profa. do Departamento de Medicina  
preventiva e social-UFMG*

Segundo Françoise Heritier – Augé, todas as sociedades humanas repousam sobre uma exigência comum, que faz com que de tempo em tempo, seus membros sejam confrontados sobre alguns pontos da reprodução humana e que esta se torne objeto de reflexão de todos. Enfim, definir as formas de filiação, a garantia da legitimidade do pertencimento a esse grupo, a esse país, a essa sociedade e a essa família instituem as bases que fundam a personalidade humana e as regras de direitos e deveres desses indivíduos, mas também fala-se do ato do nascimento. O fenômeno do nascimento tem uma história que lhe é muito própria, e que de alguma forma transgride as fronteiras do ser e do direito. De fato, os historiadores do nascimento trazem e traçam linhas importantes que apontam para a necessidade de compreender que não há como separar os indivíduos, sua personalidade e seus direitos, das marcas deixadas na hora dos seus nascimentos. Nascer é entrar na vida! é a marca fundadora

de nossa espinha dorsal, de nosso ser! Marca que delimita a fronteira da animalidade, do ser humano.

Tudo será motivo de observação nessa passagem, aos olhos atentos do recém-nascido.

Culturas ancestrais repousam em convicções de que havia uma leitura social sobre essa passagem e esse ser que estaria vindo. Barriga redonda, era sinal de uma menina. Barriga pontuda era sinal de um menino. Os astros



Tela - Mulher Pobre Saindo da Maternidade com o Filho.

milênariamente nos acompanham nesse momento “nasceu às 20 h”, registram alguns, “mas também numa lua cheia atravessada com o sol em netuno”, numa espécie de declaração de amor ao recém-nascido pressagiando seu futuro.

Espiritualidades aparte! a compreensão camponesa, e ou tradicional, tinha uma mulher que se ocupava dessa recepção: a nossa famosa PARTEIRA. Mais conhecida como “a Mainha do vilarejo”, a nossa querida comadre. Bênção Mainha!!!

Neste caminhar de anos de pesquisa e de amor incondicional ao estudo do nascimento e das parteiras, inauguro esta coluna. Espero que ela traga muita luz para todas as mulheres que desejam ter filhos, como se dizia em outros tempos, por vias baixas.

### Publicações

De Anayansi Correa Brenes

1. Bruxas comadres ou parteiras.
2. Parteiras: escola de mulheres.
3. As mulheres medicas nas entrelinhas.